

ÉTICA E MORAL - TEORIAS ÉTICAS

O conteúdo em questão encontra-se nos tópicos de Ética e Moral e Ética, Princípios e Valores. O tema “Teorias Éticas” não é explícito nos editais, mas essas teorias são cobradas em questões de concursos, incluídas no estudo da diferença entre ética geral e ética aplicada.

ÉTICA COMO RAMO DA FILOSOFIA

A ética como ciência pode ser estudada de maneira mais ampliada quando se percebe a diferença entre ético e moral em campo etnológico e filosófico, mas também quando utiliza-se da ética como uma referência para as condutas adotadas nos contextos coletivos aos quais o ser humano se insere.

ÉTICA GERAL

Na parte geral da ética estudam-se teorias éticas que trata sobre o acontece no mundo e a maneira de se lidar com essas questões.

Existem algumas teorias empíricas. Atualmente, a melhor doutrina compreende que deve haver uma concepção universalizada de ética. Por essa razão, quando se explica a diferença entre ética e moral, afirma-se que a ética é universal e mais perene, a partir de princípios que sejam mais constantes naquele grupo social por um determinado período de tempo que seja mais prolongado.

Anteriormente houve uma concepção de ética relativa, que não é mais defendida atualmente, em razão das barbáries vivenciadas pela humanidade, que possibilitou a compreensão de que, no aspecto ético, o caráter relativo sobre essas teorias pode dizimar a humanidade.

Atualmente entende-se uma perspectiva mais universalizada de ética, de um imperativo categórico de Immanuel Kant e as teorias contemporâneas que o incrementaram, como por exemplo, Habermas, John House, ética do discurso e ética distributiva, em uma perspectiva de equidade.

Obviamente essas teorias contemporâneas acabam se utilizando de outras fontes, de teorias anteriores, o que precisa ser compreendido: uma teoria ética está alinhada a um contexto histórico. A ética que surgiu na antiguidade clássica, na Grécia Antiga, por meio da própria concepção de filosofia, o que faz com que se entenda que há teorias éticas desde tal período até atualmente.

Existem várias teorias e não há como, em sede de estudo para concursos públicos e talvez sequer em uma graduação em filosofia, estudar todas elas. O foco deve ser um

direcionamento sobre esse estudo de teorias éticas para as teorias que são mais recorrentes em provas.

Há como referência o material da ENAP, em que são citadas as três teorias mais recorrentes: Aristóteles, Imperativo Categórico de Immanuel Kant e Utilitarismo de Stuart Mill e Jeremy Bentham.

Embora tais teorias sejam cobradas com maior frequência em provas, não se pode afirmar que apenas elas serão cobradas. Qualquer teoria ética, de qualquer momento histórico, seja da Antiguidade Clássica, Idade Média, Moderna ou Contemporânea, pode ser cobrada em prova.

A banca pode, inclusive, se utilizar de um fragmento de uma dissertação de mestrado ou de uma tese de doutorado e elaborar uma questão, o que prejudica a todos, uma vez que não é possível buscar de forma recorrente entre dissertações e teses para o estudo para concursos públicos.

Assim, utiliza a perspectiva do 80X20, com foco naquilo que possui maior probabilidade de cair.



5m

ÉTICA APLICADA

Trata-se de uma área específica.

Um dos ramos da ética aplicada é a ética profissional, em que é estudado, por exemplo, o Código de Ética, o Decreto n. 1.171, ou o Código de Ética de cada instituição. Quando é prestado um concurso para um determinado poder, cujo órgão já publicizou seu código de ética, seu estudo se enquadrará na ética aplicada.

A ética aplicada utiliza as teorias, o conceito de ética e moral, a concepção de moralidade pública e aplica a uma área específica.

Além da ética profissional, a ética aplicada abrange também a bioética e o estudo da ética que ocorre no ambiente dos grupos sociais ao qual o indivíduo pertence.

Ética Geral: analisa e estuda as normas sociais que atingem toda a coletividade. Possui abordagem ampla e mais abrangente, analisando o conjunto de preceitos **ACEITOS** numa determinada cultura, época e local, com maioria predominante.

A ética geral é a base e fundamento para o estudo da ética aplicada, que utilizará desse estudo mais amplo e o trará para sua realidade.

Ética Aplicada: aprecia as normas morais e códigos de ética relacionados ao comportamento de grupos, coletividades e categorias de pessoas. Leva em conta o interesse específico por ramo de atividade ou grupo de pessoas envolvido. **Ex.:** ética ecológica, profissional, familiar, política, empresarial e bioética.

Ética profissional: no aspecto deontológico, de fundamentos do dever para o exercício de uma atividade funcional e para que a atividade econômica seja exercida com dignidade,

liga-se à ação laboral/profissional, somada ao comportamento e à ação moral adotada no exercício dessa atividade funcional.

Trata-se de parte da ética aplicada e se destina a verificar as normas que comandam o relacionamento humano nas atividades profissionais, direcionada a um público que lançará mão desses serviços que são oferecidos pelos profissionais dessa atividade econômica.

<https://professor.pucgoias.edu.br>

A referência acima é de um material de um professor não identificado no conteúdo, da PUC de Goiás, que pode auxiliar em algumas dúvidas relacionadas ao conteúdo.

Eduardo Bittar divide as teorias, de acordo com seu livro de ética geral e profissional, em dois ramos: ética normativa e metaética.

- **Ética normativa:** o estudo da ética pode se dar por meio de uma pergunta/investigação “O que alguém deve fazer para que seu comportamento seja considerado um comportamento aceitável no campo ético?”.

A ética normativa faz o estudo das normas sociais e é onde se encaixam as teorias normativas.

- **Metaética:** aqui o estudo da ética pode se dar por da pergunta/investigação “O que é o conceito de bem?”. O conceito de bem é um estudo crítico dos sistemas éticos, do que é utilizado de maneira a direcionar o comportamento das pessoas nessas relações intersubjetivas.

O conceito de bem varia de acordo com o momento histórico: o conceito de bem na antiguidade clássica é diferente do conceito de bem na Idade Média e subsequentemente nas demais idades.

Na estrutura de funcionamento da Grécia Antiga, havia uma sociedade que prezava pela democracia, pela participação, obviamente que de maneira muito limitada, uma vez que se limitava a homens, nativos e a partir de uma determinada idade. A concentração de poder se restringia a um determinado grupo: os escravos e estrangeiros não participavam da sociedade democrática.

Todavia, havia uma conexão profunda entre ética, política e exercício da cidadania, bem como havia um funcionamento social em que, no aspecto religioso, ocorria um politeísmo, que não aconteceu na Idade Média. Migrou-se da perspectiva coletiva, de estratificação social, para uma estrutura de produção que era muito limitada, trazendo uma concentração de poder à Igreja e ao senhor feudal, em que os servos atuavam de maneira limitada, tanto para o exercício de direitos, que eram muito limitados, quanto ao aspecto de processo decisório.

Essa nova organização social fez com que surgisse uma nova teoria ética para explicar os acontecimentos. Há a ética dos valores, a ética cristã, que entendia como conceito de bem, ou seja, o que era considerado ético, de acordo com a concepção de bem para aquela função daquela organização social, era tudo o que estava de acordo com os princípios religiosos, com a Bíblia e os dogmas da Igreja Católica.

Anteriormente havia um politeísmo, aqui há um teocentrismo. Antigamente havia uma participação popular, aqui não há essa participação, as decisões estão concentradas no clero e articuladas ao senhor feudal.

À medida que a sociedade vai se modificando, surgem teorias éticas para explicar o que ocorre, justificar ou manter/perpetuar os privilégios daqueles que os mantiveram.

A partir da sessão da burguesia, houve uma nova estruturação social, uma separação entre igreja e Estado, o que gerou um momento muito hedonista/individualista/egoísta, em busca de prazer e satisfação. Ao mesmo tempo, as pessoas tentavam descolar a religiosidade, fazendo ascender o cientificismo, a ciência em oposição à fé, o conhecimento científico em oposição ao dogma, a verdade na fé.

Tal situação gerou novas teorias éticas a serem analisadas, como o utilitarismo, Immanuel Kant, que buscou um meio termo entre o dogma e a ciência, bem como diversas outras teorias a partir da idade contemporânea.

A ética normativa pode ser agrupada em teorias que são compostas por várias correntes de pensamento inseridas em contextos históricos e filosóficos distintos.

Existem duas outras formas de análise do agrupamento de teorias:

Corrente relativista e empirista (pragmática ou útil): trata-se de corrente volátil, que entende que a norma moral é mutável, convencional e subjetiva (varia conforme a época e o lugar, sendo fruto da vontade humana).

É empirista porque é pragmática: observa o que está ocorrendo no mundo e, a partir disso, elabora uma teoria explicativa para justificar a situação.

Tal corrente oferece margem para a ética utilitarista como um ramo da ética empirista. Conforme classificação de García Máynez, a ética empirista é dividida em vários ramos, sendo um deles o utilitarismo, como uma teoria ética essencial, diante da alta probabilidade de ser cobrada em provas.

Trata-se da ética *a posteriori*, em que se elaboram teorias/justificativas para o fato após sua ocorrência, seja para explicar porque a coisa ocorre daquela forma, seja para mantê-la como está, a fim de perpetuar privilégios de algumas pessoas.

Corrente absolutista e apriorista (universalista): possui como característica formal prévia que determina o que é ético e deve ser aplicado a qualquer contexto histórico, em qualquer momento. Trata-se da moral universal e objetiva (imutável no tempo e no espaço).

Trata-se da ética *a priori*, ou seja, de forma prévia: antes da aplicação, já é definido o que deve ser feito, por exemplo, por meio do cumprimento de um dever (como Immanuel Kant, por exemplo) ou de um valor que deve guiar as ações (como a ética cristã, por exemplo).

Atualmente, pressupõe-se que a doutrina majoritária entenda que é necessária uma perspectiva universalista da ética.

Há uma oposição entre as correntes relativistas e absolutistas.

A melhor doutrina compreende que é necessária uma universalização do entendimento do conceito de ética, uma imutabilidade desse conceito, para que a relatividade não seja utilizada como uma justificativa para o cometimento de barbáries.

A ética absoluta prega uma autonomia da vontade, uma vez que fazer o que quiser, justificando atos pela moral subjetiva, é ilógico, irracional e perigoso. O relativismo ético é um grande risco para a humanidade.

Na comparação entre ética e moral, afirma-se que a ética é universal e imutável, ao passo que a moral é relativa, variável, cultural, ou seja, volátil, mutável individual e subjetiva, enquanto a ética é objetiva.

Há teóricas éticas que levantam possibilidades de ajustamentos, ou seja, são teorias relativistas, que se moldam às necessidades humanas e às modificações sociais.

Aqui, estuda-se a história das teorias: anteriormente houve teorias relativistas. A partir de todas as mazelas e barbáries sofridas pela humanidade, atualmente entende-se que a concepção de ética deve ser universal, sem margem para relatividade, sob pena de extinção do ser humano.

Bittar (2009): Todas as éticas, sejam quais forem suas orientações, premissas, engajamentos e preocupações, sempre elegem “o melhor” como sendo a finalidade do comportamento humano. Toda postura ética assume uma espécie do que seja “o melhor” para o direcionamento da ação humana, e, uma vez eleita, segue a trilha e a orientação traçadas para sua realização, assumindo riscos do caminho e das consequências.

“O melhor” refere-se ao conceito de bem, em determinado momento e sociedade.

Na Idade Média, havia a concepção de que o melhor era o que estava articulado ao dogma, à verdade na fé, ao cristianismo e à Bíblia. Não há problema nisso, podendo haver um conjunto de valorações vinculadas à essa concepção do dogma, o problema surge quando passa a haver excessos, com atuação em perspectiva diferente da que é defendida por Eduardo Bittar, que é a busca da convivência harmoniosa entre os diferentes, entre a diversidade, com tolerância para reconhecer a existência do outro, lhe dar visibilidade e assegurar direitos.

Quando há excessos ao ponto de impor a outrem aquilo que é uma perspectiva própria, incorre-se em barbáries. No período da Idade Média, na Inquisição em que as pessoas tiveram



20m

suas vidas ceifadas em razão de não seguir a doutrina que lhes eram impostas, foge-se da determinação ética, deixa-se de ter harmonia e de conviver com o coletivo/diverso.

Eduardo Bittar afirma que, em uma sociedade em que se busca homogeneidade tem uma tendência a se tornar uma sociedade amorfa, uma sociedade que não tem dinamicidade. É inerente ao ser humano pensamentos divergentes, oposições e é necessário saber lidar com elas de forma harmoniosa, uma vez que, querer impor a outrem aquilo que é uma realidade própria, é chamado por ele de tirania ética, que foi o que ocorreu ao longo da história da humanidade.

Nos processos de escravização, por exemplo, ao mesmo tempo há a colonização em que se impunha uma realidade cultural para uma população nativa, que se recusava a assumir aquilo como uma nova perspectiva cultural, o que é uma tirania ética, que gerou barbáries e a possibilidade de se dizimar as populações nativas, bem como de se respeitar as suas realidades culturais, em razão de uma cultura de imposição do que era dominante, sem que houvesse uma contraegemonia, ou seja, tornou-se a humanidade amorfa, segundo o pensamento de Eduardo Bittar.

Bittar (2009): As **concepções** éticas de povos, civilizações, gerações (...) alteram-se ao sabor dos tempos. Não há uma única ética para todos os povos em todos os tempos; toda construção ética se opera de acordo com a **axiologia** de uma cultura e de um tempo (ao mesmo tempo em que os cristãos pregavam uma consciência ecumênica na Europa do séc. XV, os canibais na América devoravam seus inimigos de guerra).

As concepções são alteradas conforme o tempo ou contexto.

A axiologia de uma cultura refere-se à teoria dos valores, conjunto de valoração que a cultura possui, suas virtudes ou vícios. Por exemplo, na comparação do Brasil com qualquer outro país, será observado um conjunto de valores distintos.

É necessário compreender que, atualmente, independentemente da valoração da cultura, das tradições que são diversas, é preciso encontrar um ponto de interseção, um ponto de convergência comum a todas as nações, a fim de que não se dizimem e não seja buscado o fim da humanidade.

Assim tem-se a ética em uma perspectiva universal, por meio do estabelecimento de princípios que nortearão o comportamento das pessoas em qualquer nação, e, ao mesmo tempo, assegurará a dignidade da pessoa humana.

Sobre o assunto, pode-se citar a Declaração Universal dos Direitos Humanos, na Administração Pública pode-se citar o art. 37, da Carta Constitucional, os princípios básicos da administração que são inquestionáveis por todos, independentemente do cargo ou esfera de poder, seja em nível federal, estadual, distrital ou municipal: todas essas esferas e poderes deverão considerar, na perspectiva de servidores e agentes públicos, a necessidade de, por exemplo, cumprir o princípio da impessoalidade.

A teoria dos valores, bem como essa análise do campo de valoração varia de grupo para grupo, mas é necessário entender que, a despeito da variabilidade de valores, é necessário ter a definição de algo que seja um ponto de convergência.

Segundo Eduardo Bittar, apesar de ser vivido o mesmo momento histórico, a depender da sociedade poderão ser observados comportamentos diferentes: “ao mesmo tempo em que os cristãos pregavam uma consciência ecumênica na Europa do séc. XV, os canibais na América devoravam seus inimigos de guerra”.

Observa-se culturas diferentes, no mesmo momento histórico, mas em uma espécie de mundos distintos. Naquela época não havia um contato entre essas realidades que eram muito diversas e em uma perspectiva de imposição da população europeia aos povos originários daquilo que era sua realidade de funcionamento social, não houve escolha por parte da população nativa, ocorrendo uma tirania ética.



25m

Momento Histórico			
Filosofia Antiga (séc. VII a.C. a V d.C.)	Filosofia Medieval (séc. V à XV)	Filosofia Moderna (séc. XVI à XVIII)	Filosofia Contemporânea (séc. XIX à atual)
Correntes			
	Cristianismo	Empirismo	Existencialismo
		Humanismo	Fenomenologia
		Positivismo	Pragmatismo
		Racionalismo	Marxismo
Teóricos			
Sócrates	Santo Agostinho (354-430)	David Hume (1711-1776)	Arthur Schopenhauer (1788-1860)
Platão	São Tomás de Aquino (1225-1274)	Bentham e Stuart Mill	Karl Marx
Aristóteles		Immanuel Kant (1724-1804)	Friedrich Nietzsche (1844-1900)
Estoicos			Gilles Deleuze (1925-1995)
Epicuristas			Noam Chomsky (1928-)
			Jürgen Habermas (1929-)

Fonte: <https://www.ex-isto.com/2018/05/historia-da-filosofia.html>

O quadro anterior refere-se a, de acordo com o momento histórico, qual filosofia é tratada: filosofia antiga, filosofia medieval, filosofia moderna e filosofia contemporânea.

O quadro também contém os séculos antes e depois de Cristo.

Na antiguidade clássica, em Grécia e Roma, fala-se nos teóricos clássicos, como: Sócrates, Platão, Aristóteles, Estoicos e Epicuristas.

O mais abordado será Aristóteles, de forma direcionada de acordo com o que é mais cobrado a respeito da teoria aristotélica.

Com a migração da filosofia antiga para a filosofia medieval, houve uma série de reestruturações na sociedade, assim como o modo de produção também se modificou, o que ocasionou o surgimento de uma nova teoria ética, no caso, a ética cristã, o cristianismo, tendo como teóricos mais conhecidos, Santo Agostinho e São Tomás de Aquino.

Com a reestruturação da sociedade, deixou-se a Idade Média e passou-se à filosofia moderna, com uma nova forma de produção e ascensão de classes, uma divisão do trabalho muito diferente do que ocorria na Idade Média. Também surgiram novas teorias, com novos teóricos apresentando suas explicações sobre como estava acontecendo o mundo naquele momento.

Dentre as novas teorias que surgiram, tem-se o empirismo, humanismo, positivismo e racionalismo, tendo como teóricos mais conhecidos, David Hume, Bentham e Stuart Mill e Immanuel Kant. Será dado maior foco a Immanuel Kant, por meio do Imperativo Categórico e em Bentham e Stuart Mill, que trabalham a concepção do utilitarismo.

Da filosofia moderna migrou-se para a filosofia contemporânea até o momento atual, que tinha como correntes filosóficas, o existencialismo, fenomenologia, pragmatismo e marxismo e teóricos como Habermas, que trabalha a ética do discurso e a necessidade de participação popular nas decisões coletivas, a fim de assegurar direitos a essa população.

O quadro acima foi apresentado como uma forma de agrupamento das teorias: Aristóteles estava no começo, na filosofia moderna, bem como transitando pela filosofia contemporânea o pensamento do utilitarismo e de Immanuel Kant, como base e sustentação para as demais teorias que surgiram posteriormente.

Momento Histórico					
Filosofia Antiga	Filosofia Medieval	Filosofia Moderna		Filosofia Contemporânea	
ÉTICA DOS BENS	ÉTICA DOS VALORES	ÉTICA EMPÍRICA	ÉTICA FORMAL	DIVERSAS CORRENTES	
SÓCRATES	SANTO AGOSTINHO	UTILITARISTA	DEONTOLÓGICA	EXISTENCIALISMO PRAGMATISMO PSICANÁLISE MARXISMO NEOPOSITIVISMO FILOSOFIA ANALÍTICA	
PLATÃO	SÃO TOMÁS DE AQUINO	JEREMY BENTHAM	KANT		
ARISTÓTELES		STUART MILL			
ESTÓICOS					
EPICURISTAS					

A classificação contida no quadro acima é a de García Máynez.

Como essas teorias éticas são muitas e complexas, serão agrupadas de acordo com sua classificação.

Existe uma classificação muito conhecida, um agrupamento de teorias, por meio das chamadas éticas deontológicas ou teleológicas, contudo, percebe-se que as provas tem cobrado com frequência a classificação de García Máynez, que faz uma divisão dessas teorias em ética dos bens, ética empírica, ética forma e ética valorativa (ética dos valores).

Na ética dos bens, encaixa-se Aristóteles. Na ética dos valores, pode ser considerada a ética cristã, tendo como teóricos Santo Agostinho e São Tomás de Aquino.

A ética empírica tem como ramo, dentre outros, o utilitarismo, de Jeremy Bentham e Stuart Mill. A ética formal possui uma ética deontológica de Immanuel Kant, ou seja, caso se fale em ética formal, deve-se lembrar de Kant e de imperativo categórico. Caso se fale em ética empírica, há uma grande probabilidade de se tratar do utilitarismo, de ética teleológica, em que “telos” se relaciona a fim, consequência, resultado.

Na filosofia contemporânea, citam-se correntes como existencialismo, pragmatismo, psicanálise, marxismo, neopositivismo e filosofia analítica. Contudo, elas não são as únicas, mas são citadas uma vez que, caso sejam mencionadas na prova, é possível lembrar que são correntes vinculadas à filosofia contemporânea.

É necessário articular historicamente onde essas teorias estão se vinculando, uma vez que elas vão justificar o que ocorria no mundo no momento em que elas surgiram.



30m

Este material foi elaborado pela equipe pedagógica do Gran Concursos, de acordo com a aula preparada e ministrada pelo professor Glauber Marinho.

A presente gravação tem como objetivo auxiliar no acompanhamento e na revisão do conteúdo ministrado na videoaula. Não recomendamos a substituição do estudo em vídeo pela leitura exclusiva deste material.
